

## **Introdução**

Usualmente vista como um lugar à parte da sociedade, a prisão constitui-se como um entrelaçamento de relações de poder, tornando-a uma realidade em constante tensão entre os sujeitos que circulam nesse espaço, instituindo um caráter poroso que muda sua configuração. A Pastoral Carcerária (PCrs) da Igreja Católica coloca-se como um desses agentes e busca transformar a realidade prisional, fazendo-se presente na vida de pessoas em situação de abandono e vulnerabilidade social, como a mulher presa. A entidade propõe levar uma mensagem de misericórdia e redenção para essas mulheres ao assumir uma posição de enfrentamento contra o sistema prisional (um “mundo sem cárceres”), estabelecendo uma ação social que não faz distinção entre religião e política.

## **Objetivos**

O objetivo central é analisar a relação estabelecida com as presas por parte da PCrs. Para tanto, a pesquisa volta-se para as maneiras pelas quais as agentes religiosas da PCrs imaginam as mulheres aprisionadas e a instituição penitenciária; quem são as mulheres que estão sendo visibilizadas e que identidade está sendo construída através de seus discursos; e como agem sobre elas e a realidade delas. Dessa forma, torna-se necessário entender como a Pastoral significa os conceitos de dor e sofrimento, como a categoria de vítima é construída e, como esses elementos contribuem para a construção de identidade dessa mulher presa.

## **Metodologia**

Desenvolvo um trabalho de campo em conjunto com a PCrs, acompanhando as atividades de formação dos membros e as visitas aos presídios e penitenciárias. Está prevista a realização de entrevistas com membros da PCrs ao término do trabalho de campo. A apresentação parcial dos resultados da pesquisa ainda em andamento será feita a partir de um caso específico observado durante a realização do campo; nesta ocasião houve uma discordância acerca da realidade das mulheres transsexuais que envolve o trabalho de leitura da Bíblia, de concepção de gênero e de ação da própria Pastoral.

## **Referencial Teórico**

A partir de uma antropologia da política, volto-me para os trabalhos de Foucault (1979 e 2014) para pensar a realidade prisional, Estado e poder juntamente com a

Das & Poole (2008) que trabalha com a questão das margens do Estado; a reflexão sobre a produção de subjetividade das mulheres encarceradas em relação ao trabalho realizado pela Pastoral apoia-se também em autores que se apropriaram de Foucault, como Dullo (2014). Tendo em vista que o trabalho da Pastoral não faz distinção entre política e religião, recorro às discussões sobre secularismo (Dullo 2012). Além disso, tendo em vista essa dimensão católica do trabalho da PCrs, utilizo Norget, Napolitano & Mayblin (2017) para pensar essa religiosidade e, Butler (2003) para tensionar esse “ideal religioso de mulher” que é sendo construído a partir de trajetórias de dor e sofrimentos em um corpo que é histórico (Asad 2011 e Victora 2011).

## **Resultados**

A partir do caso observado concluímos que o gênero mulher construído pela PCrs advém de uma trajetória de dores persistentes, sendo impresso ao corpo dessas pessoas através de seus sofrimentos; são dores e sofrimentos corporificados e vivenciados, como relatado pelos agentes da Pastoral, caracterizam-se como inerentes ao cárcere e mais especificamente, ao encarceramento feminino. Porém, também possuem uma dimensão construída pelo discurso da Pastoral numa relação estabelecida entre as mulheres aprisionadas e as Marias bíblicas.

## **Referências**

- ASAD, Talal. Reflexões sobre crueldade e tortura. *Revista Pensata*, São Paulo, v.1 n.1, p.160-187, Out., 2011
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003
- DAS, Veena & POOLE, Deborah. “El Estado y sus márgenes”. *Cuadernos de Antropología Social* Nº 27, p. 19-52, 2008
- DULLO, Eduardo. Após a (antropologia/sociologia da) Religião, o Secularismo? *Mana*, v. 18, n. 2, p. 379-392, Aug. 2012
- DULLO, Eduardo. Paulo Freire e a produção de subjetividades democráticas: da recusa do dirigismo à promoção da autonomia. *Pro-Posições* | v. 25, n. 3 (75) | p. 23-43 | set./dez. 2014
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979
- NORGET, K., NAPOLITANO, V. & MAYBLIN, M. (org.) (2017) *The Anthropology of Catholicism: A Reader*. University of California Press
- VÍCTORA, Ceres G. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da antropologia. *RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde*. Rio de Janeiro, v5, n.4, p.3-13, Dez., 2011